

A Entrevista da se- mana

Stuart Carvalhaes fala-nos das suas aventuras, das suas realizações e dos seus desejos

Stuart ? Mas os senhores conhecem-o, com toda a certeza; se não fór de vista, pelo menos de *assinatura* — uma assinatura nervosa, cheia de capricho no seu desmazelo caligrafico, que aparece a diario nas capas dos livros e dos magazines, nas caricaturas dos jornaes e nos bonecos dos cartazes... Um *S* a tombar sobre um *t* hirto que estende a mão a um *u* escancarado e que ameaça engulir o *a* d'imprensa que se lhe segue e que, por sua vez, parece galgar um *r* que vae encostado a um *t* final, especie de poste ou de cruz, a fechar...

Stuart tem uma fatalidade: ninguem lhe liga o nome á pessoa. No meio em que ele é pessoalmente popular — todos ignoram a sua profissão e a sua arte; o publico que conhece a distancia os seus desenhos, não tem a menor noção sobre quem ele possa ser. Aqueles que veem surgir por ahi o nome de Stuart ha não sei quantos anos — julgam-o um velho, um veterano do *dibujo*, andando já amparado aos lapis, como se eles fossem muletas. Para outros, para os que comprehenderam que Stuart veio refrescar com excentricidades modernistas o nosso desenho que ameaçava tancredisar-se no traço caricatural e bojudado de Bordalo — veem-no menino e moço, loiro e extravagante. Alguns ainda — aqueles que sentem o que ha de Europa no trabalho de Stuart; que o veem trazer Paris na ponta dos seus pinceis, estão convencidos que ele é francez, ilustrador oficial da *Vie Parisienne* ou de *Le Rêve* e que os editores portuguezes se contentam em roubarem-lhe frequen-

temente os seus trabalhos... E todos teem razão. Stuart é novo e é velho; é portuguez e é europeu...

Ha mais de dezoito anos que trabalha e que triunfa — e apesar dos seus quasi quarenta de idade, aparenta a meninice agarotada dos que só conhecem a vida atravez as portas das academias. O seu traço tão conhecido, que dança *fox-trots* de côr nos seus cartões extranhos e galantes; as suas paisagens de sonho; os seus heroes pierrotescos e farandaleiros, os seus jardins onde florescem orquideas de seda e rosas de papel; os seus palacios monumentaes de marmore de papelão; os seus janotas que se popularisam, os seus *Quins* e os seus *Manéças* e sobretudo as suas mulheres, em cujos rostos a maquilage seduz as suas figurinhas flagrantes de moças de pernil torneado tentadoramente, n'uma exhibição galante de ruas — são da Europa, são de Paris — mas são tambem de Portugal e de todos os paizes onde houver alma para sentir e para crear, dentro das contemplações, os seus ambientes e as suas personagens.

Stuart é, antes de mais nada, um caricaturista e um desenhador das cidades; um photographo sensual dos flagrantés da rua; o artista que sente, com a mesma ternura, com o mesmo sorriso, a dôr que se envolve em andrajos e a beleza que se filtra como o sol atravez as *moisselines* e as meias de seda — e que espreita pelos decotes. Ele é o surpreendedor ancioso dos corpos femininos que desabrocham; das mulheres que florescem; das crianças; dos seios que se iniciam; das pubeidades que troteiam exuberantes de promessas e desafiando os satiros...

Mas Stuart é tambem um profissional, e os seus lapis, a sua imaginação, os seus dedos, feitas domadas, obedecem-lhe ás cegas, tontos de medo, rapidos. E' vel-o trabalhar, improvisando em todos os generos, rapido, fumando uma ponta a um canto da boca, a guedelha seca, mal penteado, o olhito vivo, irrequieto, a pele arruivada a colorir-se no esforço da precipitação — o lapis correndo, gerando sobre a brancura do papel, rostos de mulher para uma capa do *A B C*, uma fantasia para um livro; um cartucho de *bonbons* para um cartaz; uma caricatura engenhosa e com chiste, para qualquer diario...

E' assim que o vamos entrevistar: ele abancado á mesa de trabalho — nós cavalcando uma cadeira, como o *Kean* no acto da Taberna.

— Quantos desenhos tens tu feito até hoje, Stuart? — inquirimos.

— Eu sei lá! Calcula tu: ha dezoito anos que não faço outra coisa! Ha dezoito anos que almoço desenhos; que janto desenhos; que visto desenhos...

— ... que bebes desenhos!

— Isso! Não tenho vivido d'outra coisa em toda a minha vida — e estou convencido que poucos artistas se podem orgulhar de ter ganho o dinheiro que eu ganhei até hoje!

— E que tu tens esbanjado, gastador!

E Stuart, que está em maré de confidencias, desabafa...

— Se eu tivesse tido juizo e não fosse o bohemio que sou e se tivesse junto — tinha pé de meia. Palavra... Seria um Stuart burguez, com cachucho no dedo e sairia ao domingo de automovel, a passear com o Quim e com o Manecas... Mas, ai!... Já lhe perdi as esperanças... E olha que eu não tiro menos de dois contos por mez...

— Então nunca foste outra coisa além de desenhador e caricaturista?

— Não! Ah! Espera... Sim... Já fui fotografo...

— Estás brincando!

— Falo serio... Foi... ainda no tempo da Monarquia, no jornal do padre Matos. Tinha começado ha pouco, mas, apesar de todos dizerem que eu tinha muita habilidade para a bonecada, não vendera senão meia duzia de cartões... Necessitava viver — e disseram-me que o padre Matos procurava um caricaturista para o jornal. Fui oferecer-me e ele aceitou-me com uma condição: que eu lhe faria a reportagem fotografica...

— «Você sabe de fotografia? — perguntou.

— «Ora essa! Em Lisboa sou eu e o Benoliel! Não ha quem nos leve a palma...

«Fiquei contractado... por nove mil rés por mez. Calcula tu que eu nunca na minha vida pegára n'um *kodak*. Estava como aquele galucho da anedota: não sabia mesmo porque ládo se disparava... Que ansias passei! Todos os dias, ao entrar na redação, o chefe queria saber se eu

fizera algum *cliché* sobre um crime de Alcantara ou d'um incendio no Poço do Bispo ou d'uma festa a que assistisse a familia real...

« — Como não ! — dizia-lhe eu. Fiz meia duzia ! E alguns sensacionaes...

«Ia para a camara escura, dava banho ás chapas — e, Pae do Ceu ! — ficava de cabelos de pé ! Se alguma conseguia ser sensibilizada, os fotografados apareciam invariavelmente sem cabeça. Guilhotinava-os a todos — era sabido. Em alguns viam-se só os pés... E por mais que eu quizesse convencer o chefe da redação para publicar só o pé da victima do crime de Alcantara, pois seria uma originalidade muito curiosa, acabei por ser posto na rua...

«Uma vez, que estava encarregado de fotografar a um conspirador republicano que a policia prendera, Benoliel quiz fazer-me a partida e cochichou-me ao ouvido : — ó Stuart, tu queres tirar um retrato a fulano ? Sim ? Pois bem, espera-o no corredor que ele não tarda a sair do gabinete do director. Está sendo interrogado.

«Lá fui eu para o corredor do Governo Civil, escuro como breu, e quando o tal conspirador saiu entre dois policias, desatei a frental-o com o contacto... Já se vê que as chapas ficaram um horror... Escusado será dizer-té que nunca mais quiz ser reporter-fotografico...

Stuart, nervoso, deixára o lapis para voltear um pouco pelo gabinete. Fitamol-o com essa curiosidade de diafragma em preparação de um retrato. Stuart é baixo, as pernas curvam-se um pouco num parentesis pitoresco, e o seu todo tem muito de *pierrot* e de *gavroche*. A cabeça magra balanceia-se, para olhar-nos como a de uma cata-tua. As suas mãos papudas mechem-se continuamente como se quizessem rabiscar no espaço caricaturas e desenhos...

— Conta-me a maior aventura da tua vida, pedimos-lhe.

— Ah ! Tem de ser a de Paris...

E depois, acendendo um novo cigarro, pergunta :

— Tu não sabes como fui parar a França ? Não ? Tem graça... Uma tarde, encontrei no Rocio ao José Pacheco, ao Noronha e a outros que iam para Paris. Eu estava sem pensão e todos os pensamentos se concentravam na resolução d'esse problema : — Que fazes, Stuart ? — Nada ! —

Para onde diriges teus passos incertos? — Não tenho para onde ir! confessei. — Porque não vens connosco até Paris? — Porque não tenho dinheiro...

«Entreolharam-se e vasculhando pelos bolsos, reuniram os cincoenta mil réis necessários para a minha passagem. Ditosos tempos esses, em que nem sequer era necessario passaporte. Bem... Trinta e quatro horas depois estavamos na capital da Luz. Levaram-me para umas aguas furtadas e disseram-me: Tu agora ficas aqui até que a gente volte, — aconselhou o Pacheco. — Vamos ver se encontramos alguma coisa que te sirva.»

«Eu fiquei. Era noite e pela janelita do telhado eu espreitei, meio tonto, Montmartre incendiar-se nos seus milhares de focos luminosos; as lampadas dos anuncios a pirlamparem; as azas do *Moulin Rouge* a esvoaçarem como que dizendo-me: — Vem para aqui... Aqui ha alegria, vinho, Champagne. Aqui é a capital de Paris... E eu, soffrego, com os olhos escancarados, presenciei n'aquella cubiculo, soffrendo o suplicio de Tantalos ante aquelle Paris tão sonhado, que eu agora via como que num album de bilhetes postaes e sem poder tocar. Passaram-se horas... A fome apertava-me... Seria talvez meia noite, quando a primeira creada do predio entrou para dormir e deu comigo... Teve medo. Conteilhe a minha historia — e ella comoveu-se, prometendo-me um almoço para o dia seguinte. Depois veio outra. Repeti a historia e ella repetiu a promessa do almoço... Enfim, encurtando: quando amanheceu eu tinha á minha disposição seis almoços — e todos tavarescos...

Rimo-nos. Era bem uma aventura de Stuart, uma aventura-sintese da sua existencia bohemica.

Quizemos saber mais. Indagamos sobre os seus exitos de Paris.

— Gostaram da bonecada que eu lhes fiz. Trabalhei no *Le Rire*, no *Sourire*... no *Ruy Blas*...

E depois, n'um esgar de contração, acrescentou:

— Fui maluco em vir-me embora; hoje teria seguramente o meu nome feito em França...

Pelo olhar sempre joven e sempre iluminado de optimismo de Stuart, passou uma sombra — a tristeza de

uma abdicção, de mais uma a que o seu feitiço o obrigara.

— E o que pensas tu da tua arte?

— Oh! Da minha arte! Vocês sabem lá o que eu sonho às vezes — o que eu quizeria realizar! Mas não posso! A vida não deixa! Sou um profissional! Não passo d'um fabricante de desenhos...

Protestámos. Que não o era assim. Dentro da sua industrialização havia sempre delicadezas, brilhos, elevações, altos vãos de beleza e de espirito...

— Talvez seja assim — concordou. De facto, quando trabalho, seja qual fôr o meu trabalho, ponho-lhe toda a minh'a'ma, toda a minha anciedade de perfeição... Mas se eu fosse outro; se outra fosse a minha vida... vocês veriam... vocês veriam...

Deixamol-o com tristeza também. E' que Stuart Carvahes, artista porque sim, artista dos melhores da nossa terra, suicida-se aos poucos, na bohemia desordenada da sua eterna mocidade, na eterna embriaguez da sua garotice... Mas quem nos diz a nós, que se ele deixasse a sua bohemia e a sua juventude inreflectida — fosse o grande artista que é? Sabe-se lá nunca onde nasce o talento e que germen o fecunda...

Reynaldo Ferreira.

Revista dos jornaes

A reforma do teatro Nacional --- A viagem de circumnavegação-- A imprensa, os banqueiros, o empréstimo

Até esta hora em que escrevo tranquilmente, no meu gabinete de trabalho, para os leitores da *Revista Portuguesa*, nada se sabe sobre o que será a nova reforma do teatro Nacional. A comissão nomeada pelo sr. ministro da Instrução publica reúne, estuda, discute. O que sairá d'este labor insano? Certamente, as pessoas que teem sobre os seus hombros a pesada e ingloria tarefa de tentar resuscitar o combalido organismo, procurarão dentro do interes-